

Seis espadas flamejantes

Seis monstros raivosos

Seus dorsos sob sonoras luzes incandescentes.

Delicado vaso

Deserto escorregadio

Sua cabeça ornada com lágrimas de aço.

O corpo rubro

Carne ilusória

Uma rainha sinuosa com todos os sons de sua noite.

Três acordes e a verdade.

Eis tudo.

O meu gostar de ti
É calmo como qualquer mar
É simples como qualquer noite
E é uno.

O meu pensar em ti
É um perder-se entre todos os caminhos.
E todos os caminhos são certos
E seus.

O meu querer de ti
Se resume a silêncios e sorrisos.
Somos coisas e isso é a beleza
Da paz.

Em verdade o que fazer?

Está tudo solto no ar.

A vida é em essência terror

Como um campo minado de ódio.

O início foi árduo demais

O meio trouxe a dúvida

E no final o que nos parece restar

É um campo minado de ódio.

Os olhos cerrados

As mãos crispadas

Os minutos são martelos.

Nossas máscaras são tão frias

E há tão pouco sol para todos.

O gesto brusco nos rege.

A clemência viajou a negócios

A força está perdida.

Soltos sem armas em campo aberto

Um campo minado de ódio.

Talvez isso seja o stress.

Essa certeza do nada
Esse acúmulo de bosta
Essas horas impróprias
A resignação
O fechar de pálpebras
O dia.

Esse alimento flácido
Essas roupas gastas
esses palavrões
Os suspiros
Os rangidos
O andar.

Esse tempo rápido
Essa falta de ares
Essa traição de humores
Os sorrisos
Os cumprimentos
Os olhares.

Esse soterrar de esperanças
Esse olhar perdido
Esse cheiro de ontem
A claridade
O medo
O erro.

Esse acumular de fracassos
Esse vislumbrar da derrota
Esse deixar-se ficar
A perda
Amaré
A morte.

O olhar dela é para quando a solidão se encrosta nos sapatos e nos sonhos,
O olhar-dança que brinca com todas as luzes
Que me circunda e me afaga
Que exala em meus cabelos.

O olhar dela vem quando a catarse sente muito não poder vir, mas deseja tudo de bom,
O olhar-festa que se lança em todos os sentidos
Que me entorpece e me excita
Que é a lembrança de um cheiro bom.

O olhar dela é a próxima parada se o triunfo não corresponde ao mapa,
O olhar-bênção que unge a todos os rostos
Que me ilumina
Que me felicita.

E são inevitáveis a surpresa, a vertigem, o alívio:
A mais bela mulher
Tem o olhar de uma criança.

Todos os dias o sol me sacode
Grita as rotinas em meus olhos
Todos os dias o mundo me caça
Assim que eu saio da cama

E eu não quero sair do sonho
Eu não quero abrir os olhos
Eu não quero me vestir
Com a máscara nossa de cada dia

Todos os dias há tanto a fazer
O tempo é pouco, a vida é breve
E não é educado deixar esperando
Todos os dias há tanto a fingir
Que não se pode desviar todos os olhares

A política dos espaços abertos
dos olores de lembranças
das fogueiras.

Os gestos nobres
risonhos
inteiros.

Metas coletivas.
A política estética.

A libertação.
Individual.
Para todos os lugares.

O caos.

A ausência de sons senoidais.
O áudio
Às ordens.

Às armas!
A consonância está morta.
Rumo à consonância
Entre nós.

O que há de extremamente irritante é a falta de gestos políticos. Assim, os bocejos são legalizados, e os suaves tecidos são garras. Mentes escorregam entre um comercial e outro.

Juventudes congeladas, olhos ferozes em bocas flácidas. Tardes desprezíveis; as manchas do teto estão todas catalogadas.

Perdemos as estações comunais, e todas as estrelas caídas. As grandes horas também são esquecidas. Contentam-se com a coroa de palmeira, e com a pesca humana dos sábados.

O mundo termina em um grande abismo, e tudo gira à sua volta. Nenhuma direção constante. Estradas, lampejos, forças, a salvação é abandonada por qualquer coisa levemente mais lenta. A entropia atinge aqui sua consequência mais nefasta.

Bóias camufladas nas beiradas.

Náufragos. Indo ou vindo.

Um grande colóide humano. Traças e blasfêmias prosperam.

Nós amamos o tempo

Como um pertence

Como um brinquedo de roda

Como um tio longínquo

Que não deve nos visitar

Nós amamos o mundo

Como um caminho conhecido

Como uma caixa de surpresas

Como o passatempo predileto

Nós amamos a vida

Como o personagem principal

Como o direito natural

Como rocha sólida

Esconde a mudança.

São rigorosos os invernos.

Mas nada me impede de caminhar sob o sol opaco,

Os braços nus contra ventos

Por minha face, o olhar fixo

À procura do que virá.

Esmaece o dia.

Mas como não desprender-se destas horas úteis?

Como não enfrentar os negros e os frios na noite

Avançando pelas ruas

Com a certeza da aurora?

E ainda que todas as paredes desmoronem à minha volta

Meus pés atingirão seu destino.

A poesia tem outras vias

As vias se interrompem

As veias se rompem

Mas a poesia está além

Para além destas horas

Para fora desta ânsia

A poesia está em si

E fora de si

Fica o que a vivifica.

Alguma luz!

Despir-se de células sociais.
Despedir as formas de impostura.
Libertar-se da fome. Fome do mundo.
Reduzir-se à sua menor proporção.
Desfranzir os lábios
Desintumescer as genitálias
À espera da aurora.

Por mim deverão passar
As formas de escravidão e sofrimento
Ainda que apenas no exterior.
Por mim se manifestarão
Os séculos de horrores
Da vaidade humana.
Em mim proliferarão
 os egoísmos
 as tolices
 as pequenas obsessões e manhas
 os medos infinitos
Daqueles que têm muito poucas opções.

Negando o amor.
Construindo com muito sacrifício
Um pouco da estrada
Da decadência humana.

Estranhamente,
Também resiste em mim
O vidente do mundo
Que a tudo deve negar
Com um sorriso complacente.
Já não sei
 se comentário ou mecanismo
 se cambista ou membro honorário,
Se é possível sofrer
Com o sofrimento alheio
Com seu próprio esmigalhar
De entranhas éticas
Entre as toscas manifestações humanas.

O desejo, a cegueira, o cansaço
O poder.
Apontando para sempre o caminho.

O amor estará por baixo
À espreita.

Solto sem sentido,
Ida e volta
Em torno de lugar nenhum
Solitário arrabalde
Percorrendo atalhos
Para um endereço inexistente.
Veredas de duplo sentido
Ida e volta
Na avenida do tempo
Nos costumes aceitáveis
Dupla direção sem sentido
Com sentidos
Dispostos sem direção.

Viagem sem volta,
Para além do que já foi
De encontro ao horizonte
Mais próximo e mais longínquo.
Viagens de sentidos dobrados
Ida e volta
Na avenida do tempo
Nos costumes aceitáveis
Dupla direção sem sentido
Com sentidos
Dispostos sem direção.

Deus deveria ser para todos, para tudo
A possibilidade de transcendência.
Um Deus que não é para todos
Não presta.
Um Deus que me chama pelo nome
Que não escolhi,
Um Deus que me julga pelas atitudes
Que não pude controlar,
Pelas adversidades
Diante das quais sucumbi,
Um Deus que me tem por objeto
Não serve para mim.
A transcendência deve estar para além destas paredes,
Para além destes limites sociais,
Desta imaginação tão terrena,
Para além das estruturas da linguagem,
Para além desta identidade tão pouco medida,
Tão implícita,
Tão óbvia, vulgar.
Um Deus que não aguarda
A dissolução de meu ego
Completamente nEle
Não deve esperar nada de mim.

Dilacerando

Fugindo dos pórticos sociais
Bocejando para os beócios
Expulsando os altares por fora
Por dentro de meus olhos brilhantes
Eu vejo a luz

Delirando

Desistindo deste derby cotidiano
Passando incólume pelos ícones
Por todas estas artes tão úteis
Pelas fronteiras desta história tão uma
Me espalho no ar

Vou amanhecer

Curado da humanidade
Para além dos limites da cidade
Banhado de seiva

Vou envelhecer

Sem esperar a loteria

Sem dominós para vestir

E entregue à terra

Escapando

Escorregando invisível

Como o último figurante

Um arquivista vagamente lembrado

Na sombra dos fachos instituídos

Eu enxergo bem

Vou me calar

Destas palavras tão populares

Destes caminhos tão planos

E seguir ao léu

Vou flutuar disto aqui
Para um lugar sem tempo, sem pausas,
Sem parada pra subida.

Sem trilhos, sem freios
Que limitem o caminho rumo ao que está além.

Sem armas,
Sem forças,
Sem nada que não possa ficar para trás.

Limpo das dores do que possa ser histórico,
Hipotético, randômico,
Do que possa ser preciso.

Do que possa ser seguro, regular, ambientado,
Do que possa ser predestinado.

Sem tempo para ganhar,
Sem um minuto a perder.

Escapando pelos becos das palavras
Que barram a torrente de consciências possíveis
Que elegem xamãs.
Como um espirro muito adiado
Como o plano há anos esquecido.
Renegando toda vulgaridade
Com a brisa da madrugada.
Recusando toda angústia
Num gesto claro e nobre.

Rumo a um território que não tenha tréguas,
Que não imponha vias,
Pelo linear.

Sem poros, sem dobras, sem brechas, sem trincas,
Para tudo o que é ululante,

Cem asas
Simultâneas
Para todos os lugares.

Bilhete só de ida.

Torpor deserdado
Até o último momento
Que a Lua permitir.

Até o último golpe de ar.

Sem fôlego.
Sem tempo.

Algo que me acena de longe

Como um luar.

Simpática balbúrdia

Sem condutor, sem conduta

Sem destino definido.

Em trilhos imperceptíveis do discurso.

Eu,

vidente e espectador,

Pilha e engrenagem,

Me encharco disso até os ossos

Como se fosse suficiente.

Como se um dia fossem sobreviver

Todas as imagens vividas

Todas as frases feitas

que possam me definir

Dentro destas Quatro Paredes

Tão claras e óbvias

Tão seguras de si.

Como se um dia
o espelho não mostrasse
A angústia por trás da rotina
O desejo vago de brilhar
O brilho cego da infância
Na origem de toda palavra
Na causa de toda máscara
Trapezista diário da espera
Da esperança desenfreada
Da pieguice sem limites
Dessa necessidade tão simples
De transcender através do outro
Na mentira ou na luxúria
No sacrifício ou no fascínio
de uma vida humana se afirmando
em pé, à sua frente,
sem nada que se faça a respeito.

A primeira pessoa
Instituída como um altar.
Eis a sociedade
Que me circunda.

Um coração desperdiçado,
Morada de si mesmo,
Sabe que não vale a pena
Nem a mais nobre das palavras.
Sente antecipadamente
O prazer da conquista,
O esperando além
De infinitos desertos
Sem pressa.
Perdoa suas mesquinhas
Seus desejos acoplados,
Os antigos e os jovens,
Na arena de si mesmo,
Imóvel no mesmo centro
Do subúrbio de sua história
Já sem precisar espreitar
Qualquer ato derradeiro
Que venha resolver
Toda a represa de dúvidas
Herdadas de tudo que fui
Rio de mim,
Oceano de pequenas coisas
Ansiando por evaporar.
Respirar mais lentamente,
Enxergar com mais luz
Com mais nitidez
Ao meu redor.

Como se as palavras
Fossem domar
O fluxo interminável
De imprecações
Contra os fatos da vida
Nesta noite de insônia.
Como se escrever
Fosse um ato solene
Executado dentro de um armário
E inacessível para sempre
Tendo Deus como fiador e carrasco.
Tentando reverter essa vontade
De significados ininterruptos
Que ninam o nágual.
Um dia meu olhar
Varrerá a multidão de histórias
Que me cercam
E me encontrarei finalmente
Só e despojado
Sob as infinitas estrelas.

Os dias devem morrer.

Devem misturar-se uns com os outros
Na passagem das estações
Marte, Lua, Vênus
E não a segunda, ou a quarta etc.

As ruínas
Do castelo poético
Revelam labirintos de transcendência
Que devem ser explorados
Com muito mais cuidado.
E ela me diz: eu
Deve ser onde chegaremos.
Compreender o salitre dos túneis
Com afeição pelos arabescos
Mas sair ileso
Sem datas
Sem arquivos
Sob o sol da estação apropriada
De um século curto demais.
Eis que o homem, o mundo,
Onde mora Eu
Finalmente é parido dos rituais
De erigimento do passado.
Nu, o homem agora sente o vento
E a luz, refletindo em seu corpo flácido
Pode então inundar os redores.
Mas não, nem corpo, nem espaço,
Nem tempo devem circunscrever o homem
Cada vez mais planta, mais mancha,
Mais noite tranquila
Se espalhando no céu.

Ali perto já está o mundo inteiro
Pronto pra me pegar em sua rede
E já tem gente aqui me estendendo a mão
Pra entrar nessa ciranda sem fim.
Mas o homem já não é mais criança
Não quer seguir os ciclos
Que não sejam revoluções
E vive sua própria morte
Sem desejar as mesmas pegadas.
Como se um mundo em remoinho
Criasse um invólucro opaco,
Como se a casca frágil
Abarcasse estes labirintos diários.
É só esticar os ombros
E os subterrâneos ruirão
Entre as vastas e áridas paragens
E é lá onde está.
Infinitos caminhos desertos
E a vida só voltará aqui mais tarde.
Dimensões invisíveis
De voltas insuspeitadas
Sem guarda-volumes
Que não sejam
A leveza do amor.

E são também nus os caminhos
Despojada esta beleza e despido este passado
De seus andaimes interligados.
Nu é este amor
Sem pronomes, posições, letras maiúsculas
Flutuando nu
Pelo ar leve e translúcido.

Nu, um gesto simples
Um relampejar
De duração inalcançável.
De extensão só aplicável
A essas peles macias
Misturadas
Num eterno arcaico.
Pois como homem renascido menino sem bagagem
Se não houver a faca
Para parir,
O colo para receber
Ou olhar de onde se ver?
O homem é nu
Perante sua mulher
Sua menina, sua madre
Sua fêmea, seu bosque
Em que orbita
Para fora do mundo.

SOMME

Vamos até onde o caminho leva
Temos até onde nos é tomado
Somos o perímetro da pele
Damos tudo que ainda for permitido

É esta mesma, a minha altura,
O meu peso, a minha idade
Estas pernas, são as minhas
Estes olhos tortos, esta voz frágil

E para além está o mundo
Formado em outro senso de escala
Querendo que sejamos maiores
Ansiando por nossa grandeza
Para além de nosso limite

Marcelo

Mello

POEMAS

1989 - 2018



Este documento está licenciado com uma Licença *Creative Commons Atribuição-
NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional*.
(<https://marcelomelloweb.net/mmpoemas.htm>)
